



A capa de Dois Selos e Um Carimbo, o segundo álbum dos Deolinda: à esquerda, Luís José Martins, Ana Bacalhau, Catarina Portas, Zé Pedro Leitão e Pedro da Silva Martins fotografados n'A Vida Portuguesa



Os Deolinda com Catarina Portas, n'A Vida Portuguesa

O QUE É POPULAR É BOM

A propósito do novo álbum dos Deolinda – banda revelação da revista Songlines –, juntámo-los a Catarina Portas, da loja A Vida Portuguesa. E descobrimos que a revitalização do universo popular português tem uma origem: António Variações

Texto de GONÇALO FROTA Fotografias de ANTÓNIO PEDRO SANTOS

DE HERÓIS DO MAR a gente encaçada na sua própria preguiça ou nos novos burocráticos do país. Quando, com humor, os Deolinda espelharam a identidade portuguesa enquanto feroz entusiasta da figura do adiamento de qualquer acção consequente – também conhecido por 'vamos tomar um cafezinho e depois logo se vê' –, muita gente se reconheceu no retrato. Tanta, mas tanta gente que não tar-

dou a que nascesse uma petição na *internet* com vista a destituir 'A Portuguesa' de hino nacional. O substituto da composição de Alfredo Keil e Henrique Lopes de Mendonça seria, naturalmente, 'Movimento Perpétuo Associativo', um original dos Deolinda. Não questionando o maior ou menor despropósito da petição, o certo é que a mensagem de combate à apatia que dali se poderia retirar levou a que todos os partidos políticos – mais os independentes empenhados em vincar a sua 'pinta' moderna e movimentos espontâneos de cidadãos – tentassem colar-se à canção. Por isso, nas eleições autárquicas e legislativas de 2009 choveram pedidos para o uso da música, «da Esquerda à Direita», conta Ana Bacalhau, vocalista do grupo. «Não acedemos a nenhum porque não queríamos politizar a música, mas eles

utilizaram-na de qualquer maneira, uns contra os outros». Quando diz «uns contra os outros» o sorriso rasgado de Ana, prestes a transformar-se em gargalhada, tem já na cabeça uma imagem muito concreta: a de carros de campanha rivais que se cruzaram nas ruas da terra, tocando a mesma música, e apelando a ideias políticas diferentes. A situação encontra um eco natural na experiência de Catarina Portas à frente da loja A Vida Portuguesa, onde se vendem sabonetes Confiança, lápis Viarco ou andorinhas Bordalo Pinheiro, expostos em prateleiras que além dos produtos proporcionam viagens instantâneas ao passado. «Ah, pois, tem aqui estas coisas do tempo do Salazar», ouviu remorder umas quantas vezes ao balcão. Mas, por outro lado, lembra, alguém lhe segredou também que não conseguia arrastar a mãe porta fora, por se tratar da «loja perfeita para um comunista». «As coisas podem tocar a todos de formas muito diferentes», concluem os cinco sem discussão.

Parolos chique

Agora que os Deolinda estão a lançar o segundo álbum, *Dois Selos e Um Carimbo*, custa até a crer que tenham passado pela típica história de levarem com portas no nariz antes de alguém acreditar sem reservas nas histórias cantadas por Ana Bacalhau. A «revalorização das referências populares», que agora parece tão incontestada e digna de louvores, apenas confundiu as editoras, na altura sem saberem se haveria público para tal proposta musical, com um pé nos bailaricos de aldeia e outro nos subúrbios lisboetas. As rádios, na dúvida, também preferiram não arriscar. Depois, reconhecerem, com o sucesso crescente do álbum *Canção ao Lado*, foi fácil sentirem o afecto do público e tornou-se óbvio que as pessoas

estavam à procura de uma forma de se reconciliarem com o seu passado. Diz Catarina Portas que tinha igualmente «um *feeling* de que as pessoas precisavam disto, precisavam de gostar das suas coisas, de gostar do seu país». Alcançados os favores do público, como um coelho tirado pelas orelhas da cartola, os Deolinda passaram «de parolos a parolos chique», resume o contrabaixista Zé Pedro Leitão. Esta reconciliação, defendem, atarraxa directamente numa relação desproporcionada com o recente passado nacional e numa consequência prática da globalização. «Estamos a ir atrás para darmos dois passos para a frente», acredita Pedro da Silva Martins, letrista, compositor e guitarrista dos Deolinda. Ana vai mais longe dizendo que o mergulho no passado é o antídoto óbvio para a normalização cultural a que assistimos nos últimos anos. «Num mundo em que tudo é igual, em que se encontram os mesmos restaurantes em qualquer cidade do planeta, precisamos de algo que nos distingua».

'A GERAÇÃO ANTES DA NOSSA TINHA UM ENORME DESENCANTO COM O PAÍS. NÓS JÁ VIVEMOS PACIFICAMENTE COM O PASSADO'

Luís José Martins, habitualmente atrás da guitarra, sintoniza o diagnóstico final com Catarina Portas e dizem quase a uma voz: «A geração antes da nossa, que passou pela Revolução, tinha um enorme desencanto com o seu país, e enquanto eles viviam mais em negação com o passado nós já vivemos pacificamente com ele».

As variações de António

Tocava a 'Maria Albertina' que António Variações deixara fechada dentro de uma caixa de sapatos, perdida numa cassete que resistiu estoicamente a duas décadas de esquecimento. Catarina Portas estava na Feira de Barcelos, quando ouviu a canção gritada por um leitor de CD numa banca e algo em si fez um clique que a lembrou da importância de Variações no seu projecto A Vida Portuguesa. Alguns anos antes, andara por aqueles lados a

pesquisar a vida de Variações para um filme de João Maia sobre o músico português, ao mesmo tempo que andava a perder manhãs e tardes enfiada em mercearias e drogas a descobrir os produtos tradicionais que haviam de encher as prateleiras da sua loja. «Entre Braga e Nova Iorque», a expressão emblemática que resumia a criação musical de Variações, também a quis para si. Com os Deolinda, a revelação de que a contemporaneidade não implicava descartar as raízes deu-se com Camané a cantar a mesma 'Maria Albertina' no festival Sudoeste de 2005. «Sentimos que houve um momento em que a música abriu para o popular, e esse momento foi com os Humanos, com o Camané a cantar António Variações no Sudoeste», diz Pedro Martins. «Abriu-se ali uma porta, voltou-se àquela ideia de trabalhar o popular mas de uma forma contemporânea, e acho que foi essa porta que permitiu que bandas como a nossa pudessem fazer o caminho que fizeram».

Portugal igual a Índia

Arelado ao sucesso dentro de portas costuma vir a vontade e a oportunidade de conhecer palcos internacionais. Assim foi com os Deolinda, com a ligação à editora holandesa World Connection a dar frutos sob a forma de pequenas digressões Europa fora, mas também com reflexos no recente Prémio Revelação da prestigiada revista inglesa de

world music Songlines. Mas, ao mesmo tempo, permitiu-lhes viajar bastante para o interior do país, e reforçar a ligação umbilical à fonte da sua inspiração. «O Portugal profundo é muito duro e está muito longe deste onde estamos», diz Luís, «vivemos um bocado num país artificial», ajuda Zé Pedro, e os quatro Deolinda tomam em mãos a responsabilidade de lembrar o bailarico, para além da «curiosidade turística», sentencia Pedro. Isto porque o país em que os carros metamorfoseados por obra do *tuning* e a discoteca – tudo o que meta electrónica de toda a espécie – são símbolo de modernidade e objectivo último a alcançar, faz parte das suas vivências reais e não de uma superficial observação de quem olha para o país como se fosse tão exótico quanto a Índia. O que, de resto, Catarina diz ter sido o seu se-

'SENTIMOS QUE A MÚSICA ABRIU PARA O POPULAR COM OS HUMANOS, COM O CAMANÉ A CANTAR VARIAÇÕES NO SUDOESTE'

gredo. «Comecei a olhar para Portugal com os mesmos olhos com que olhava para a Índia e a comer selvaticamente com os olhos. E hoje em dia, excita-me imenso ir a Portugal. É uma arca magnífica para ir buscar coisas e transformá-las ou não». Pedro, por seu lado, fez parte da associação de festas da terra do pai, algures no meio da Serra da Estrela, e ajudou a organizar os tais bailaricos que povoam músicas como 'Fon-Fon-Fon'.

A culpa é de Espanha

Oferecer um espelho da essência do que é ser português, como 'Movimento Perpétuo

Associativo', não é coisa que se consiga repetir a cada canção que salta da guitarra de Pedro para a voz de Ana. Mas nem por isso *Dois Selos e Um Carimbo* se furta a mais uns quantos e certos retratos de singularidades nacionais. Uma delas, chamada 'A Problemática Colocação de Um Mastro', parte daquela obsessão portuguesa de «querermos ter sempre o maior qualquer coisa, não necessariamente o melhor». Aquela mania de encher pontes com feijoadas para centenas de pessoas ou de cozinhar a maior francesinha, ou até formar o maior logótipo humano, a fim de conquistar uma insólita entrada no livro dos recordes do Guinness. Depois, na letra da canção, quando as coisas correm mal, uma alma mais despachada varre a culpa para cima dos espanhóis. Mas a história, afinal, tem um fundo bem real, testemunhado por Luís Martins, durante um período em que viveu em Paris e se cruzou com uma estudante portuguesa em Erasmus. Certo dia, regressada da apresentação de um trabalho na faculdade, a rapariga confessou: «Aquilo correu muito mal. Fizem-me algumas perguntas e não sabia o que havia de responder. As tantas, perguntaram-me: 'E a Sofia é de onde, de que país?'. Eu respondi 'Sou espanhola'. «Lá o país ela não traiu», graceja o guitarrista. E trair o país é precisamente aquilo que tanto os Deolinda como Catarina Portas mais tentam evitar. Até agora, os resultados não enganam: em Portugal ou no estrangeiro, são vistos como defensores da autenticidade portuguesa. goncalo.frota@sol.pt



Deolinda, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Bento XVI, Entre o Céu e o Inferno